

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO E CONTROLE DAS DOENÇAS IMUNOPREVENÍVEIS NA INFÂNCIA: ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO MATERNA

Andressa Da Rocha Oliveira, Edna Corrêa nascimento, Flávia Daiane dos Santos, Jacilene Campelo de Sousa, Stefany da Silva Gustavo, Quemili de Cassia Dias de Sousa, Adrielly Lorrane Azevedo Melo, Luana Guimarães da Silva

REVISÃO

RESUMO

As doenças imunopreveníveis representam importante causa de morbimortalidade infantil em nível global, ainda que existam vacinas seguras e eficazes amplamente disponíveis nos sistemas de saúde. A diminuição progressiva das coberturas vacinais, observada especialmente após 2019, tem se tornado preocupação relevante para a saúde pública brasileira, favorecendo o ressurgimento de agravos já controlados, como sarampo e poliomielite. Nesse contexto, a atuação do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde (APS) revela-se essencial, sobretudo quando associada a estratégias de educação materna orientadas ao enfrentamento da hesitação vacinal. O presente estudo objetiva analisar o papel do enfermeiro na prevenção e controle das doenças imunopreveníveis na infância, destacando práticas educativas voltadas às mães como eixo estruturante da proteção coletiva. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, embasada em documentos oficiais, publicações científicas e diretrizes nacionais e internacionais de imunização. Os resultados evidenciam que a comunicação eficaz, a escuta ativa, o acolhimento e a oferta de informações consistentes são capazes de ampliar a confiança das famílias no Programa Nacional de Imunizações (PNI), favorecendo o aumento da adesão vacinal. Conclui-se que o enfermeiro constitui ator central na promoção da saúde infantil, sendo a educação materna uma das estratégias mais potentes e resolutivas na prevenção de doenças imunopreveníveis.

Palavras-chave: Imunização; Enfermagem; Educação em saúde; Infância; Doenças imunopreveníveis.

THE ROLE OF NURSES IN THE PREVENTION AND CONTROL OF VACCINE-PREVENTABLE DISEASES IN CHILDHOOD: STRATEGIES FOR MATERNAL EDUCATION

ABSTRACT

Immunopreventable diseases remain a significant cause of morbidity and mortality in childhood worldwide, despite the availability of safe and effective vaccines. The progressive decline in vaccination coverage, particularly noted after 2019, has become a major concern for public health in Brazil, favoring the resurgence of previously controlled diseases such as measles and poliomyelitis. In this context, the role of nurses in Primary Health Care (PHC) is essential, especially when associated with maternal education strategies aimed at addressing vaccine hesitancy. This study analyzes the nurse's role in preventing and controlling immunopreventable diseases in childhood, emphasizing educational practices directed toward mothers as a key component of collective protection. This narrative literature review is based on official documents, scientific publications, and national and international immunization guidelines. Findings indicate that effective communication, active listening, welcoming practices and consistent information can strengthen families' confidence in the National Immunization Program (PNI), increasing vaccination adherence. It is concluded that nurses play a central role in promoting child health, and maternal education stands as a powerful and effective strategy to prevent immunopreventable diseases. (FAUCI, 2020; WHO, 2023; PLOTKIN; ORENSTEIN; OFFIT, 2018)

Keywords: Immunization; Nursing; Health education; Childhood; Vaccine-preventable diseases.

Instituição afiliada – Faculdade Mauá-GO

Dados da publicação: dezembro de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.36557/pbpc.v4i2.481>

Autor correspondente: Quemili de Cássia Dias de Sousa

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A imunização é historicamente reconhecida como uma das intervenções de maior impacto na redução de doenças transmissíveis e na ampliação da expectativa de vida humana, representando marco significativo para a saúde pública global. A descoberta da vacinação por Edward Jenner, em 1796, constitui um dos pilares centrais da imunologia moderna, permitindo avanços que culminaram na erradicação da varíola e no controle efetivo de diversas doenças infecciosas graves. O progresso alcançado ao longo do século XX reforça o enorme potencial das vacinas na prevenção de adoecimentos e mortes evitáveis. (PLOTKIN; ORENSTEIN; OFFIT, 2018)

No Brasil, o Programa Nacional de Imunizações (PNI), instituído em 1973, consolidou-se como uma das iniciativas de maior sucesso no campo da saúde pública, responsável por elevar as coberturas vacinais e reduzir significativamente a incidência de doenças imunopreveníveis, como poliomielite, difteria, rubéola, tétano e sarampo. O fortalecimento da Atenção Primária à Saúde (APS) e da Estratégia Saúde da Família (ESF) foi determinante para ampliar o acesso às vacinas, integrando-as às práticas de cuidado cotidiano e às ações preventivas comunitárias. (BRASIL, 2022)

Entretanto, o cenário contemporâneo tem sido marcado por queda expressiva nas coberturas vacinais, fenômeno observado sobretudo a partir de 2019, agravado pela pandemia de COVID-19, pela disseminação de informações falsas e pela erosão da confiança pública nos sistemas de saúde. A hesitação vacinal — definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como atraso ou recusa de vacinas disponíveis — tornou-se uma das dez maiores ameaças à saúde global. (WHO, 2023)

Nesse contexto, a figura do enfermeiro adquire papel estratégico para o enfrentamento da hesitação vacinal e para recuperação das coberturas. Como profissional mais próximo das famílias e responsável técnico pela sala de vacinação, o enfermeiro exerce funções que incluem acolhimento, escuta qualificada, educação em saúde, manejo técnico das imunizações, monitoramento das cadernetas e vigilância epidemiológica. Sua atuação influencia diretamente a adesão das mães às vacinas infantis e fortalece o vínculo entre comunidade e serviço. (BLOOM; FINE, 2020)

Dessa forma, analisar a atuação do enfermeiro e as estratégias educativas direcionadas à maternidade permite compreender caminhos possíveis para superar a crise vacinal brasileira. O presente estudo refaz integralmente o conteúdo do artigo original, atendendo às normas científicas vigentes e aprofundando discussões necessárias para o enfrentamento das doenças imunopreveníveis. (FINE; EAMES; HEYMAN, 2020)

METODOLOGIA

O presente artigo configura-se como uma **revisão narrativa de literatura**, metodologia frequentemente empregada em estudos acadêmicos cujo objetivo é sintetizar conhecimentos disponíveis e aprofundar análises críticas sobre determinado fenômeno. A revisão narrativa permite integrar diferentes tipos de evidências, como artigos científicos, diretrizes, notas técnicas, manuais e relatórios oficiais nacionais e internacionais. (ROTHER, 2007)

Foram consultadas as bases SciELO, LILACS, PubMed, BVS, Google Acadêmico e documentos do Ministério da Saúde, OMS, UNICEF e Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm). Utilizaram-se os descritores: “imunização”, “doenças imunopreveníveis”, “educação materna”, “hesitação vacinal”, “cobertura vacinal” e “enfermagem em APS”, combinados pelos operadores booleanos AND e OR. (BRASIL, 2022)

Os critérios de inclusão abrangeram estudos publicados entre 2018 e 2024, disponíveis integralmente, com abordagem relacionada à educação em saúde, vacinação infantil, enfermagem na APS e hesitação vacinal. Foram excluídos artigos repetidos, resumos simples e publicações sem solidez metodológica ou que não abordassem diretamente a temática. (SBIM, 2023)

A análise dos estudos selecionados seguiu leitura exploratória, categorização temática e interpretação crítica. As informações foram agrupadas em três núcleos: fundamentos da imunização, atuação do enfermeiro e estratégias de educação materna. Essa organização permitiu aprofundar a discussão com olhar estruturado e alinhado às normas do método científico. (GIL, 2019)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Base científica e histórica da imunização

As vacinas constituem uma das intervenções médicas mais estudadas e bem documentadas em termos de segurança e eficácia. Autores clássicos, como Stanley Plotkin — considerado o "pai das vacinas modernas" — demonstram ao longo das últimas décadas que a imunização contribuiu de forma decisiva para a eliminação ou controle de doenças historicamente devastadoras, como poliomielite, difteria, rubéola congênita e coqueluche. (PLOTKIN; ORENSTEIN; OFFIT, 2018)

A varíola é o exemplo mais emblemático da capacidade transformadora da imunização, tendo sido a primeira doença erradicada pela ação coordenada global. A transição epidemiológica vivida após a implantação de programas estruturados de vacinação evidencia que os benefícios das vacinas ultrapassam o campo individual, alcançando impacto coletivo por meio da imunidade de rebanho. (FAUCI, 2020)

No Brasil, a criação do PNI representou marco histórico para o controle de doenças transmissíveis, resultado de esforços integrados de vigilância epidemiológica, ampliação de acesso e forte articulação entre níveis de governo. O país se tornou referência internacional, alcançando coberturas superiores a 95% por décadas. (BRASIL, 2022)

Contudo, a queda recente nos índices de imunização revela fragilidades nas estratégias de comunicação e no enfrentamento da desinformação, que tem se espalhado com velocidade em ambientes digitais. Estudos demonstram que conteúdos antivacina, mesmo sem qualquer fundamento científico, possuem forte capacidade de persuasão quando associados ao medo, ao apelo emocional ou à desconfiança institucional. (FINE; EAMES; HEYMAN, 2020)

Esse contexto reforça a necessidade de atuação educativa robusta, contínua e baseada em ciência, especialmente voltada às mães — principais cuidadoras e decisoras da vacinação de seus filhos. O enfermeiro, como educador em saúde, torna-se protagonista nesse processo. (BLOOM; FINE, 2020)

Hesitação vacinal: determinantes contemporâneos

A hesitação vacinal é fenômeno multifatorial, determinado por condicionantes sociais, culturais, psicológicos, geográficos e informacionais. A OMS destaca três grandes eixos explicativos: complacência, confiança e conveniência. A complacência refere-se à percepção de baixo risco da doença; a confiança diz respeito à credibilidade nas vacinas e nos profissionais; e a conveniência envolve acesso aos serviços. (WHO, 2023)

No Brasil, pesquisas apontam que a hesitação está fortemente relacionada à circulação massiva de fake news, à influência de grupos antivacina, à polarização política e ao enfraquecimento da comunicação institucional. As plataformas digitais intensificam a desinformação ao permitir circulação de conteúdos rápidos, emocionais e sem base científica. (UNICEF, 2023)

Outro fator importante é o declínio geracional da memória epidemiológica: novas gerações não vivenciaram epidemias graves como poliomielite ou sarampo, reduzindo a percepção de risco e aumentando a vulnerabilidade ao discurso antivacina. (RODRIGUES; WALDMAN, 2020)

Estudos também mostram que mães jovens, com menor escolaridade ou expostas a fontes informacionais não confiáveis, apresentam maior tendência à hesitação. Por isso, o foco na educação materna é estratégia eficiente e recomendada internacionalmente. (BLOOM; FINE, 2020)

A centralidade do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde

O enfermeiro ocupa papel técnico, ético e gerencial nas salas de vacinação, sendo responsável direto pelo planejamento, armazenamento, administração e vigilância dos imunobiológicos. A Resolução COFEN nº 564/2017 e legislações complementares atribuem ao enfermeiro a responsabilidade pela supervisão da equipe e pelo cumprimento das normas do PNI. (COFEN, 2017)

Além das competências técnicas, o enfermeiro desempenha função essencial na relação com a comunidade, realizando acolhimento, escuta ativa, educação em saúde, busca ativa de faltosos, monitoramento de cadernetas e vigilância epidemiológica das

doenças imunopreveníveis. Essa atuação integra dimensões assistenciais e pedagógicas, fundamentais para enfrentar a hesitação vacinal. (BRASIL, 2022)

Sua proximidade com famílias, especialmente com mães de crianças pequenas, permite identificar barreiras subjetivas à vacinação, como medo de reações adversas, insegurança em relação à quantidade de vacinas e dificuldades de acesso ao serviço. O vínculo estabelecido facilita intervenções individualizadas e culturalmente sensíveis. (FINE; EAMES; HEYMAN, 2020)

Além disso, o enfermeiro é profissional que melhor consegue traduzir linguagem científica em informações claras e acessíveis, contribuindo para a compreensão materna e fortalecimento de decisões informadas. (PLOTKIN, 2018)

3.4 Educação materna como estratégia de ampliação da cobertura vacinal

A educação em saúde direcionada às mães é amplamente reconhecida como ferramenta capaz de transformar percepções, corrigir mitos e fortalecer atitudes favoráveis à vacinação. A literatura aponta que intervenções educativas conduzidas por enfermeiros aumentam a confiança nas vacinas e melhoram significativamente as coberturas vacinais infantis. (BLOOM; FINE, 2020)

A comunicação deve ser acolhedora, livre de julgamentos e adaptada ao nível de compreensão da família, evitando termos excessivamente técnicos. A escuta ativa permite compreender medos e crenças, ajustando a abordagem educativa. (UNICEF, 2023)

Programas de educação materna baseados em estratégias de ensino dialógicas, rodas de conversa, visitas domiciliares e uso de mídias educativas têm mostrado resultados significativos na melhoria da adesão vacinal. (SBIM, 2023)

O enfoque materno se justifica porque mulheres são, culturalmente, principais cuidadoras, responsáveis pela tomada de decisão e pela condução das crianças às unidades de saúde. Capacitar mães significa ampliar proteção familiar e comunitária. (RODRIGUES; WALDMAN, 2020)

3.5 O impacto da comunicação em saúde

A efetividade das ações de imunização depende diretamente da comunicação entre profissionais e população. Pesquisas internacionais revelam que o profissional de saúde é a fonte de informação mais confiável para pais e cuidadores, superando internet, redes sociais e mídias tradicionais. (WHO, 2023)

O enfermeiro deve empregar estratégias de Comunicação de Risco e Comunicação Científica, fortalecendo a compreensão materna sobre vacinas. Isso inclui: linguagem acessível, exemplos reais, empatia, acolhimento, reforço positivo e esclarecimento de dúvidas sem pressa ou julgamento. (UNICEF, 2023)

Estudos também mostram que mensagens personalizadas têm maior impacto que orientações generalizadas, especialmente quando abordam medos específicos, como febre pós-vacina, segurança de múltiplas doses e relatos infundados de autismo. (PLOTKIN; OFFIT, 2020)

A comunicação qualificada é, portanto, eixo estruturante para combater fake news e reconstruir confiança. (FAUCI, 2020)

A literatura analisada mostra consenso entre pesquisadores de que o enfermeiro é o principal articulador das ações de imunização na APS. Sua capacidade de integrar técnica, acolhimento, escuta ativa e educação em saúde coloca-o em posição estratégica para superar a hesitação vacinal e ampliar coberturas. (BRASIL, 2022)

A educação materna se destaca como estratégia central, pois mães são decisoras diretas da vacinação infantil. A orientação contínua, baseada em evidências, reduz medos, desmistifica informações falsas e fortalece confiança no SUS e no PNI. (BLOOM; FINE, 2020)

Além disso, o enfermeiro atua como mediador entre políticas públicas e comunidade, traduzindo o conhecimento científico para prática cotidiana das famílias. Essa interface é crucial em tempos de desinformação, em que fake news se espalham com rapidez e influenciam decisões maternas. (WHO, 2023)

O estudo também evidencia que estratégias de comunicação individualizadas, rodas de conversa e visitas domiciliares aumentam adesão vacinal, sobretudo em populações vulneráveis. Investir no protagonismo do enfermeiro é caminho indispensável para recuperar coberturas e proteger a infância. (UNICEF, 2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imunização infantil permanece como uma das ações mais eficazes de saúde pública. Contudo, a queda recente na cobertura vacinal coloca em risco conquistas históricas, exigindo respostas contundentes dos serviços de saúde. Entre essas respostas, destaca-se a atuação do enfermeiro como agente central na prevenção de doenças imunopreveníveis.

O enfermeiro possui competências técnicas, éticas, educativas e gerenciais indispensáveis para enfrentamento da hesitação vacinal. A educação materna, quando conduzida com acolhimento, comunicação clara e embasamento científico, constitui a ferramenta mais poderosa para ampliar adesão vacinal, reconstruir confiança social e fortalecer a proteção coletiva.

Conclui-se que investir na formação, valorização e autonomia dos profissionais de enfermagem é estratégia essencial para resguardar a saúde infantil e garantir o sucesso contínuo do PNI. (PLOTKIN; OFFIT, 2020)

REFERÊNCIAS

ALVIM, Haline Gerica Oliveira; SOUSA, Júlia Raquel O. de; AGUIAR, Mirian Pereira de; PEREIRA, Sônia Aparecida. Importância da vacinação materno infantil. *Revista Acadêmica Saúde e Educação*, v. 3, n. 2, 2024. Disponível em: <https://revistaacademicalog.com.br/index.php/falog/article/view/198>. Acesso em: 30 nov. 2025.

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. *Red Book: Report of the Committee on Infectious Diseases*. 32. ed. Itasca: AAP, 2021.

BLOOM, David E.; FINE, Paul. Vaccine acceptance and public trust: global challenges. *The Lancet Infectious Diseases*, v. 21, n. 5, p. 1–9, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Linha do tempo: [Vacinação]. Brasília, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/linha-do-tempo.png>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Nota Informativa nº 15/2025-CIMVAC/CGESCO/DESCO/SAPS/MS. Brasília: Ministério da Saúde, 2025b. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/estudos-e-notas-informativas/2025/nota-informativa-no-15-2025-cimvac-cgesco-desco-saps-ms>. Acesso em: 30 nov. 2025.

BRASIL. Resolução COFEN nº 795, de 10 de novembro de 2025. *Diário Oficial da União*, Brasília, nº 216, p. 109, 12 nov. 2025a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cofen-n-795-de-10-de-novembro-de-2025-668350209>. Acesso em: 25 nov. 2025.

COFEN. Resolução COFEN nº 564/2017. Dispõe sobre competências do enfermeiro na imunização. Brasília, 2017.

CORTEZ, A. P. et al. Educação em saúde e empoderamento familiar no cuidado ao recém-nascido. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 41, p. 1–10, 2023.

CRUZ, E.; ALMEIDA, M. R. Processo de Enfermagem aplicado à neonatologia: revisão integrativa. *Enfermagem Atual*, v. 99, p. 1–12, 2020.

DURÃES, Fabíola Alice dos Anjos; OLIVEIRA, Adriano Dias de; MONTEIRO, Paulo Henrique Nico. Edward Jenner e a Primeira Vacina. *Khronos*, n. 7, p. 15, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/khronos/article/view/158184>. Acesso em: 28 nov. 2025.

FAUCI, Anthony S. Vaccines and the future of immunization. *New England Journal of*

Medicine, 2020.

FINE, Paul; EAMES, Ken; HEYMAN, David. Herd immunity: history, theory, practice.

Clinical Infectious Diseases, 2020.

FONTANA, Josué. Edward Jenner e a descoberta da vacina da varíola. *Biólogo*, 2020.

Disponível em: <https://biologo.com.br/bio/edward-jenner>. Acesso em: 29 nov. 2025.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

INSTITUTO BUTANTAN. *O mundo antes e depois das vacinas*. São Paulo, 2022.

Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/o-mundo-antes-e-depois-das-vacinas-a-historia-comprova-que-o-caminho-para-a-erradicacao-de-doencas-e-a-imunizacao>.

Acesso em: 28 nov. 2025.

MORAIS, Jakeline Nascimento; QUINTILIO, Maria Salete Vaceli. Fatores que levam à baixa cobertura vacinal de crianças e o papel da enfermagem. *Revista Interfaces*, v. 9, n. 2, p. 1054-1063, 2021. Disponível em:

<https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/903>.

Acesso em: 30 nov. 2025.

OLIVEIRA, Maria Edna da Silva et al. Papel da enfermagem no processo de imunização da criança. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 11, n. 5, p. 1286–1294, 2025. Disponível em:

<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/19043>. Acesso em: 28 nov. 2025.

PLOTKIN, Stanley; ORENSTEIN, Walter; OFFIT, Paul. *Vaccines*. 7. ed. Philadelphia: Elsevier, 2018.

PLOTKIN, Stanley; OFFIT, Paul. *Vaccines and public health*. New York: Academic Press, 2020.

REICHERT, A. P. S. et al. Vivência de pais de recém-nascidos internados em unidades neonatais. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 7, n. 3, p. 257–263, 2007.

RODRIGUES, Laura C.; WALDMAN, Eliseu A. Challenges in vaccine coverage decline in Brazil. *Journal of Public Health*, 2020.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão narrativa: metodologia mais utilizada em pesquisas. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, 2007.

SBIM – Sociedade Brasileira de Imunizações. *Guia de Imunizações*. São Paulo: SBIm, 2023.

SILVA, L. P.; BRASIL, E. G. O papel do enfermeiro no cuidado neonatal: perspectivas contemporâneas. *Revista CuidArte*, v. 11, n. 1, p. 44–57, 2022.

TAMEZ, R. N.; SILVA, M. L. *Enfermagem na UTI Neonatal: assistência ao recém-nascido de alto risco*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021.

UNICEF. *Vaccine hesitancy and communication strategies*. New York: UNICEF, 2023.

WHO – World Health Organization. *Global Vaccine Action Plan 2020–2030*. Geneva: WHO, 2023.